

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

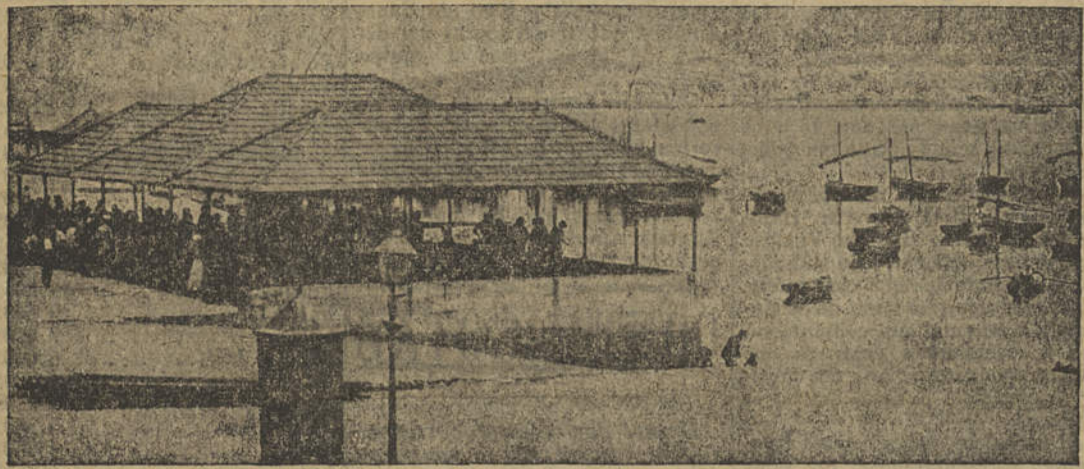
ANO III — N.º 121 — Domingo, 2 de Outubro de 1955

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MUDANÇA DA HORA

De harmonia com as disposições do decreto-lei n.º 37.048, de 7 de Setembro de 1948, todos os relógios foram atrasados 60 minutos às três horas de hoje, entrando-se assim, no regime horário de Inverno.

AVENÇA



Esta «monstruosidade arquitectónica» — Mercado do Peixe — e adjacências pestilentas, que durante longos anos afrontou a nossa linda Avenida Marginal, vai finalmente desaparecer. Em tempos, e parafraseando um bilioso troca-tintas indiano, chamámos-lhe «uma feia verruga na linda face da nossa terra»: pior do que isso: ela sempre foi uma «nódoa negra» não só na estética da nossa terra, como na consciência dos vilarrealeses que tinham que suportar-lhe a presença — e que se regosijam sinceramente com o seu desaparecimento.

EQUILÍBRIO E BOM SENSO

são as notas dominantes do Plano de Actividades da Câmara Municipal deste concelho para o ano de 1956

O PLANO de actividades da Câmara Municipal deste concelho, para o próximo ano de 1956, que publicamos no número anterior deste jornal, revela duas qualidades que não podem passar despercebidas aos olhos de quem se interessa verdadeiramente pelos problemas principais da nossa terra: equilíbrio e bom senso.

De facto, não se trata (como alguns desejariam, erradamente), de uma relação química de todas as necessidades do nosso concelho, mas, como está no espírito da lei, apenas as bases e o plano para o «ano seguinte», dentro das possibilidades económicas da Câmara.

E' evidente o cuidado que hou-

ESTRADAS DO ALGARVE

Na Junta Autónoma das Estradas, realiza-se, no próximo dia 15 de Outubro, um concurso público para empreitadas de obras a efectuar em diversas estradas do País, e, entre elas, a da pavimentação da E. N. 12-2, entre Odeleite e as proximidades de Vila Real de Santo António, entre os Kms. 94,200 a 101,960 e 119,580 a 123,249, sendo de Esc. 895.038\$00 a base de licitação para esta obra.

UMA VOZ INDIANA

Por G. DE AYALA MONTEIRO

NA própria Índia do sr. Nehru — e o caso não podia deixar de interessar-nos — foi publicado um livro em que o conflito luso-indiano é encarado com a maior imparcialidade, pondo-se a nu a falta de razão com que a a União Indiana se tem conduzido na injusta e indigna questão que levantou com Portugal.

Escritor de nomeada e autor de livros consagrados, como «Educational Controversies in India» e «The rise of municipal Government in the city of Ahme-

A PROIBIÇÃO da mendicidade

EM TODO O PAÍS

Um diploma inserto no «Diário do Governo» dá nova redacção ao artigo 18.º do decreto-lei n.º 36.448, de 1 de Agosto de 1947, relativo à proibição da mendicidade em todo o País, ficando agora determinado que, para o efeito do disposto do n.º 5.º, do artigo 18.º, as câmaras municipais possam ser autorizadas a lançar derramas sobre as contribuições directas cobradas nos respectivos concelhos.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

ve de atender a algumas das questões mais instantes para o progresso do concelho de Vila Real de Santo António, resolvendo-as dentro das limitações impostas pelo erário municipal. Nisto, precisamente, é que se evidenciam o equilíbrio e o bom senso que presidiram à elaboração do referido

plano de actividades municipais, e que entendemos dever salientar, com o propósito único de fazer justiça a quem a merece.

Tratando-se de um assunto da maior importância para o nosso concelho, a ele voltaremos oportunamente, dedicando-lhe toda a

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CARTA DE LONGE

AS FESTIVIDADES DA SÉTIMA TARDE (TCHAT-TCHEK) OU DAS SETE IRMÃS (TCHAT-CHI-MUI)

Pelo Dr. J. DE CARVALHO E REGO

Às gentis Maria Ana, Piedade e Glorinha Fialho Callado.

PAÍS de lendas e de superstições, a China interessa-nos pelos seus costumes, pelas suas tradições e pela sua civilização milenária. E ainda que, desde a implantação da República, a China tenha perdido, aparentemente, muitas das suas interessantes características, por motivo de influência estrangeira, pode continuar a considerar-se um país fora do alcance da maioria dos estrangeiros, até de muitos que por aqui tenham estabelecido uma grande parte da sua vida.

Educados na Europa ou na América, aparentemente europeus ou americanos na sua indumentária e até na sua vida exterior, raros são os chineses que perdem as características psicológicas da sua raça, tão arraigadas aos seus costumes, às suas tradições, à sua peculiar civilização.

Dentre várias festividades que na China se celebram com manifesto entusiasmo, destacamos uma das mais ingénuas, cuja lenda vamos descrever em duas versões: Em tempos imemoriais, havia neste mundo sete irmãs, cuja formosura estava a par de tantas virtudes, que o imperador Jade (Iôc-Uông) entendeu que a corte celestial jamais poderia prescindir da sua presença, vindo-as buscar à terra. E desde então, passou a contar-se no firmamento mais uma constelação, por nós conhecida por pleiade (sete-estrela).

Tchêk-Nui (a tecedeira), uma das irmãs, condôida com a triste sorte de Tong-Heng — um pobre

moço que se viu na necessidade de se vender para poder fazer o funeral de seu pai — resolveu voltar à terra para, com o seu trabalho, o auxiliar a obter a almejada alforria.

Desta abençoada união, houve um filho, que se chamou Sôu-Tai, que, por sua inteligência e dedicação ao estudo, veio a ser um

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Com efeito, o volumoso repertório glóssico, no dizer da revista a que nos reportamos, em vez dum livro sério e conciso, elaborado com o objectivo de ensinar, parece, antes, obra de verdadeiro humorismo, destinada a despolir o figado do mais sorumbático neurasténico que tivesse de consultá-lo. O livro profundo e sério em que o nosso infeliz lexicógrafo empenhou — como diz, no prólogo — «toda a sua alma e profundo saber (sic), que adquiriu em muitos anos de leituras e pesquisas por bibliotecas e arquivos», culminou em prodigioso acervo de díslates, de cuja leitura a gargalhada salta irreprimível, o que

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A propósito

Quando escrevi o que ai fica, não tinha em vista dizer o que vou dizer. Posso garantir. Eu estava apenas a pensar no que afinal não consegui exprimir bem: que o contista, o romancista, o poeta, devem seguir métodos de observação e de trabalho de autênticos cientistas. Mas escutem:

Quando estive nas termas, um casal havia que era notado pela mútua delicadeza — um pouco enjoativa, diga-se — com que se tratava. Braço dado, quando não braço pelo ombro. E sorrisos, muitos sorrisos, dúzias de sorrisos, sorrisos a granel. Ele a pôr-lhe o casaco de lã, ela a sacudir-lhe o maginário pô das mangas do casaco, ele a servi-la no café com adamanes de pajem, ela com tagatés de mentina amimada. No entanto, algo me dizia que dentro daquele rio andava muito lodo. Onde li esse algo? Eu vos digo: nos olhos deles. De quando em quando eram as frases doces sublinhadas por um traço frio, cortante. Uma corrente fria, submarina...

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

CENTENÁRIOS E MONUMENTOS

O "MÚSICO" E O "URSO"

Por MARGOS ALGARVE

NEM sempre os centenários são precisos para se erguerem monumentos, como aconteceu a Eça de Queiroz e a António José de Almeida.

O Eça teve um monumento e uma consagração pública muito

antes de chegar aos cem anos do seu nascimento. Foi um preito de justiça iniciado por um punhado de amigos e admiradores. E ele, galhardamente, se tornou credor dessa justiça latente, profundamente humana e reparadora. O Algarve, onde ele contava e conta numerosos devotos, também lá esteve representado na sentida homenagem.

Na voz de João Lúcio, então moço estudante de Coimbra, teve Eça de Queiroz as saudações de todos os algarvios cultos, progressivos e seus fiéis leitores. O lirismo do poeta algarvio caminha ao encontro do lirismo do prosador nortenho, ambos nascidos à beira-mar, ouvindo as imprecações das ondas e saboreando os beijos das mulheres... João Lúcio, poeta amoroso e filológico da escola de Teixeira de Pascoais, leu em Coimbra toda a obra do mestre do Naturalismo.

E dessa leitura, frutuosa, recatada e sentida, ele veio depois a fazer um uso discreto na dispersa galeria dos seus temas líricos. A influência de Eça, Flaubert, Zola e Maupassant nos arrebatamentos poéticos do autor do «Descendo», «Na Asa do Sonho» e no «Espalhando Fantasmas», é manifesta e sintomática.

Na inauguração do monumento ao autor do «Primo Basílio» e da «Ilustre Casa dos Ramires» e na morte trágica do gigante de «A Taberna» e de «Uma Página de Amor», ressaltam o gosto e a admiração do poeta algarvio pelo

trabalho fecundo e psicológico dos naturalistas.

O Eça, dentro da sua complicada fisiologia de esteta e de analista, conseguiu marcar a sua forte personalidade em páginas vagarosamente trabalhadas em figuras requintadamente colhidas nas ruas e nos salões do seu tempo.

Fotógrafo de almas, disseccador de corpos, médico de doenças secretas e advogado sem procuração nos autos de mulheres perdidas e de janotas devassas, ele foi o supremo romancista da vida portuguesa.

Camilo Castelo Branco pintou as suas telas com mulheres apaixonadas, frades, brasileiros de retorno e morgados dissolutos; Júlio Dinis, amoroso e optimista, copiou da Natureza os produtos saudáveis, os amores felizes, a bondade e a ternura de que ele próprio se tornou um oculto expoente. Assim, disfarçadamente, vamos descobri-lo na encadernação

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

DRAGAGEM DO GUADIANA

Pelo sr. ministro das Obras Públicas e através do Fundo do Desemprego, foi concedida à Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos a comparticipação de 60.000\$ para dragagem do rio Guadiana, obra orçamentada em 150 contos.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Retirou para a sua residência em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, que com sua família passou a época balnear na praia de Monte Gordo.

Regressou de Faro, aonde foi passar as férias a casa de sua família, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso estimado amigo e assinante sr. António de Jesus Sopa.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso querido amigo e prezado assinante sr. dr. José Henrique Santos, distinto clínico em Campo Maior.

Já regressou da sua viagem à França, onde assistiu ao IX Congresso Internacional do Frio, que se realizou em Paris, bem como do seu passeio pela Holanda, Bélgica, Alemanha e Suíça, o nosso prezado amigo sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros, funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa e antigo director-delegado do «Notícias do Algarve», na mesma cidade.

De visita a sua família, esteve nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. capitão Fernando da Silva Branco.

Encontra-se em viagem pelo Norte do País o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. José Agostinho Queiroz.

Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Amélia Garcia de Carvalho, encontra-se em casa de seus pais, a passar as férias, o nosso estimado assinante sr. José de Carvalho.

Retirou para a cidade de Setúbal a menina Maria Diamantina Leiria, filha do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Maglório Flores Leiria.

Encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante em Almada, sr. Fernando Garcia Pego de Vasconcelos.

Casamento

Com a maior intimidade, realizou-se na passada quinta-feira, na Sé Catedral de Faro, o casamento da sr.^a professora D. Maria de Lourdes Correia Fernandes Enxerto, filha da sr.^a D. Quitéria Mendes Correia Enxerto e do sr. Manuel Fernandes Enxerto, comerciante em Portimão, com o sr. João Adelino Dias Pena, nosso estimado director, filho da sr.^a D. Josefa da Encarnação Dias da Silva Pena e do sr. Francisco da Silva Pena, já falecido.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, suas irmãs, sr.^{as} D. Celeste e D. Maria da Encarnação Dias Pena.

Aos noivos, a redacção do «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

FALECIMENTO

D. Marie Pulicani Burchi

Faleceu em Marselha (França), no dia 12 de Setembro, com 57 anos, a sr.^a D. Marie Pulicani Burchi, irmã do nosso prezado amigo e assinante sr. Paul Pulicani, a quem apresentamos sentidas condolências.

GRAVADEIRA SUDRY BC-1

(usada), com motor eléctrico 220/380 e 9 cames

VENDEM:
ILIDIO PANINHO, LDA.
SETÚBAL

Assine o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VIDA AGRÍCOLA

Dirigida pelo Eng. Agrónomo A. MADEIRA PINTO

FABRICAÇÃO DE ESTRUME ARTIFICIAL

P. — Tendo algumas toneladas de palha, que desejaria transformar em estrume o mais rapidamente possível, muito agradecia que V. S.^a me informasse como poderei consegui-lo.

Como necessariamente o produto desta proveniência não deverá ser muito rico em certos princípios, não haveria vantagem em lhe juntar qualquer adubo?

R. M.

Vila Real de Santo António

R. — a) A fabricação dos estrumes artificiais a partir das palhas costuma ser um tanto morosa, salvo se for possível dispor de quantidades de chorume, a fim de as poder regar, e assim facilitar a decomposição. Com efeito, existe no mercado um preparado microbiano «Biohumus» que acelera a decomposição das palhas e dos detritos vegetais em geral.

Constituem-se pilhas por sucessivas camadas, as quais se regam com água ou chorume, calcando-se seguidamente.

A pilha deve atingir 2 a 2,5 metros de altura, e cada camada a espessura de 20 centímetros.

Formada a pilha, abrem-se orifícios com 60 centímetros de profundidade e 40 a 50 de largura, regularmente distribuídos, onde se introduz o Biohumus à razão de 1 Kg

por cada tonelada de palha empilhada.

Entretanto, é conveniente deitar no fundo dos orifícios moínha ou palhuço, que se rega e calca, e só então, o Biohumus, que igualmente se humedece e calca. Sobre este deve lançar-se o mesmo material utilizando nos fundos dos orifícios, humedecendo e calcando-o a seguir.

Finalmente, tapam-se os orifícios com a palha retirada por ocasião da sua abertura.

Passados alguns dias, a temperatura da pilha eleva-se bastante (65 a 70 graus centígrados) pelo que convém vigiá-la.

Logo que a pilha se apresente enxuta, é necessário regá-la, pois o óptimo de fermentação só é possível em presença dum grau de humidade conveniente.

Consequentemente, está indicado formar a pilha onde possa ser facilmente regada sem grandes encargos de mão de obra.

b) De facto, os estrumes artificiais fabricados a partir das palhas costumam ser pobres em certos elementos nutritivos, como seja em Fosforo.

O Fosfato Thomas, por exemplo, é o adubo mais indicado para o efeito, devendo aplicar-se na quantidade de 25 a 30 kg. por cada tonelada de palha, espalhando nas sucessivas camadas e antes da rega.

Além disso, contém outros elementos minerais de real valor.

Fomento Pecuário

O GRÊMIO da Lavoura de Castro Marim, Alcoutim e Vila Real de Santo António, coadjuvado pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, através da Intendência de Pecuária de Faro, tem vindo por todos os meios ao seu dispor a trabalhar no sentido de melhorar o valor zootécnico dos efectivos pecuários dos seus associados.

Além do posto hipico que regularmente funciona em Castro Marim, e este ano com um belo ganhão «Alter», cedido pela Estação de Fomento Pecuário do Sul, recebeu agora do mesmo Estabelecimento Zootécnico, um touro turino de alta qualidade, com que se espera melhorar muito a produção de leite e as características morfológicas das vacas leiteiras da área que servirá.

Este touro tem na sua ascendência vacas que produziram as quantidades de leite abaixo mencionadas:

Nome ou número	Lactação	Kgrs. de leite produzido	N.º de dias de lactação
141/S	9. ^a	9.153,400	390
147/S	9. ^a	4.593,950	242
Mimosa	1. ^a	3.826,900	316
»	2. ^a	4.529,700	294
»	3. ^a	5.725,600	305
»	4. ^a	4.810,600	301
»	5. ^a	5.632,200	320
55445	7. ^a	8.513,000	321
55445	8. ^a	7.725,000	321
55445	9. ^a	9.571,000	314
80075	3. ^a	5.225,000	319
80075	5. ^a	6.594,000	316

Por aqui bem se avalia a diferença que existe no rendimento destas vacas, em comparação com as que aqui se exploram.

Actualmente, encontra-se no estábulo do sr. António da Costa Estevens, situado na horta da Azeda, onde funciona o respectivo posto de cobrição.

IDENTIFICAÇÃO DUMA ÁRVORE

P. — Há tempo, no Castelo de Ourem, recebi sementes duma árvore muito frondosa e creio que muito célebre, sementes que, por curiosidade, semei nuns vasos. As sementes pegaram e as arvorezinhas estão a desenvolver-se rapidamente, para o que deve ter contribuído, talvez, a circunstância de lhes haver aplicado, também por curiosidade, um pouco de sulfato de amónio. Como não sei de que espécie de árvore se trata, junto uma folha para V. Ex.^a fazer o favor de a identificar.

Ernesto Santos
Lisboa

R. — Em face da folha que temos em nosso poder, não nos é possível classificar a árvore a que o sr. consultante se refere.

Entretanto, para que se possa determinar a sua identificação é necessário, pelo menos, um pequeno ramo com folhas e flores, sendo por vezes igualmente indispensável para o efeito conhecer também os frutos.

Logo que o sr. consultante possa dispor destes elementos, teremos muito gosto em poder satisfazer o vosso desejo.

Nesta Secção, responderemos a todas as consultas que nos forem feitas sobre assuntos agrícolas, devendo a correspondência ser dirigida a: Vida Agrícola, Redacção do «Notícias do Algarve» — Apartado 3 — Vila Real de Santo António.

EQUILIBRIO E BOM SENSO

(CONCLUSÃO DA 1.^a PÁGINA)

atenção devida — e depois de obtermos algumas informações que consideramos de interesse público.

Entretanto, afigura-se-nos oportuno arquivar nestas colunas as esclarecidas palavras que, sobre «Planos de Actividade», publicava, há dias, o nosso prezado colega «Jornal do Barreiro», e que, com a devida vénia, transcrevemos seguidamente:

«Determina o Código Administrativo que o Conselho Municipal, em reunião ordinária que deverá ter lugar na primeira quinzena de Setembro, discuta o plano de actividades e as bases do orçamento ordinário da Câmara para o ano seguinte. Aquele órgão compete, na verdade, dar parecer sobre o plano anual de actividade camarária e votar, sob proposta do presidente do Município, as bases do orçamento ordinário.

O plano aludido, devendo ser elaborado de colaboração entre o presidente e vereadores, enxertar-se-á nas bases orçamentais, estas, sim, da exclusiva iniciativa do presidente, mas organizadas com observância das regras explicitamente inscritas na Lei.

A previsão das receitas e o cômputo das despesas determinam-se, assim, em função de realidades: as receitas certas pelo seu quantitativo, as variáveis pela média da cobrança dos últimos três anos; nas receitas extraordinárias, somente serão inscritas as



PROVINCIA

ALCOUTIM

O Rancho Folclórico local exibiu-se nas Festas da Vila, com grande êxito

Para ser apresentado nas festas da Vila, foi organizado em Alcoutim um rancho folclórico, o qual foi ensaiado em cerca de um mês, e devido à força de vontade de todos os seus componentes, o rancho exibiu-se no recinto das festas «Esplanada Guadiana», nos dias 13 e 14 do corrente, tendo obtido um grande sucesso.

A sua organização deve-se ao espírito de iniciativa da sr.^a dr.^a D. Jerónima do Carmo Godinho Vinagre e do seu ensaiador sr. João Ricardo, que caprichosamente e com inteligência conseguiram formá-lo de maneira a apresentar um conjunto em que à mocidade e gentileza dos seus componentes se alia um curioso respeito pela tradição dos trajes regionais.

As raparigas, todas bonitas e galantes, apresentaram-se de saias rodadas com barras em cores, lenços garridos e chapéus de feltro negro, e os rapazes sempre sorridentes, de chapéu, cinta, calça e colete preto, e lenço vermelho ao pescoço.

A sua apresentação nas festas da Vila foi um êxito. O rancho entrou cantando a marcha da Vila, ostentando à sua frente um vistoso estandarte, tendo sido muito aplaudido. Em seguida, dançou alguns números do seu repertório, salientando-se o carridinho de 600, o qual foi repetido, a pedido do público, que não se cansou de o aplaudir. Cantou e dançou bem em números cheios de movimento e alegria, e largas palmas coroaram a sua exibição, que foi inegavelmente e a todos os títulos brilhantíssima, tendo-se distinguido a actuação do jovem acordeonista algarvio, João do Nascimento.

Bem ensaiado e bem organizado, o Rancho de Alcoutim é, com o seu pitoresco, a sua indumentária e as suas interpretações, um sugestivo cartão de visita que Alcoutim se pode orgulhar de apresentar.

O Rancho de Alcoutim é, afinal, um conjunto de boas características e uma afirmação de quanto pode a rapaziada de Alcoutim. — e.

ODELEITE

Falecimento

Faleceu nesta aldeia, com 78 anos de idade, o sr. António Gonçalves, reformado da Guarda Fiscal.

O finado, que era natural desta aldeia, gozava de grande estima de todos os habitantes de Odeleite, e por isso era tido como uma das figuras mais populares do meio em que vivia.

Máquina de limpar latas

(usada), utilizando casco de arroz, aparas ou serradura

VENDEM:
ILIDIO PANINHO, LDA.
SETÚBAL

O funeral foi bastante concorrido. À família enlutada, apresentamos os nossos pêsames.

FUTEBOL

No passado domingo, dia 25 de Setembro, esteve em Odeleite uma excursão de Vila Real de Santo António, que veio disputar um desafio de futebol com a equipa local.

O desafio decorreu num ambiente bastante alegre, o que talvez concorreu para que o grupo local perdesse por um resultado bastante volumoso. Apesar dos visitantes serem rapazes que há muito não jogavam, apresentaram boa coordenação de jogo. — e.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.^a PÁGINA)

Deixei que o tempo corresse. Ontem encontrei a senhora. Mais velha. Quando me viu, pretendeu recomeçar a representação, mas o sorriso não conseguiu ao menos levantar voo. Tinha uma nódoa roxa, junto da orelha esquerda.

— Cai — disse —. Cai ontem na minha escada...

Fitei-a. Ela desviou os olhos. «Porque estás a mentir-me?» — perguntei-lhe só para mim. Porque, enfim, eu não tenho a certeza. É uma suposição. E por se tratar de uma suposição e porque eu disse que não se deve inventar uma chave, é que não acrescento nada mais. Aguardarei que a vida me despense aquilo que suponho estar oculto atrás de uma soberba e burguesa representação.

Os poemas nascem assim

Há tempos fui visitar a Maria José. Aquela menina ainda no seu berço, estão lembrados? Aquela menina frágil e poderosa, lembram-se agora? Fut. E quando regresses, a camioneta descreveu-me serras pacíficas, searas, tufo de verdura picotada a papoilas, franjas de espuma em praias longe... E agora acontece-me que quando me recordo da Maria José não é um palmo de carne, de esperança e de paz, que vejo alongado medindo toda a vida da Helena. A imagem dela mistura-se, combina-se, perde-se nas searas, nas papoilas, nas montanhas, como se eu deixasse tudo num copo, agitasse tudo continuamente, freneticamente, até surgir um poema luminoso de vida, de paz e de esperança.

Uma quadra não se

constrói. Aparece

Em pleno tempo de abrochos sucede esta cousa rara: uma consulta para os olhos custar os olhos da cara...

Para o concurso de

«Os Nossos Filhos»

Sabe-se que as crianças gostam de ter o «seu ponto de vista». Mobilizam, para o defender, todos os recursos da sua inesgotável fantasia.

A mãe foi passear com o António e a Laura. Foram à praia. A mãe, senhora culta, vendo nisso uma boa lição vivida, pôs-se com as crianças a apanhar lapas.

— Mãe, toma esta — acorreu o António.

— Essa não. Não é boa.

— Porquê?

— Não custou a arrancar. Para se poderem comer devem, estar bem agarradas à rocha.

O António ficou-se um instante saltitando a lapa na concha da mão.

— Ó mãe, mas esta é boa. Pode ter a certeza.

E como a mãe não lhe respondesse, tornou:

— É boa. Não custou a arrancar porque estava a dormir.

Maria Manuela Nunes

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

tidária, os votos dos eleitores da circunscrição...

Pode dizer-se, por cômoda argumentação, que o plano de actividade não é anual — mas sim um balanço das necessidades conceituadas. Pode dizer-se, mas não deva dizer-se. Porque o que o Código manda que o Conselho Municipal discuta e vote são as bases e o plano «do ano seguinte», e não um rol quimérico de obras e melhoramentos a que, para ser balanço das necessidades, falta muito, e a que, para ser plano anual de actividade, sobra muitíssimo.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 24 a 30 de Setembro:

TRAINEIRAS

Flor do Sul	70.565\$00
Levante	58.615\$00
Norte	55.420\$00
Brisa	45.050\$00
Flor do Guadiana	44.360\$00
Rajada	40.500\$00
Tufão	32.815\$00
Pérola do Guadiana	30.690\$00
Triunfante	26.330\$00
Liberta	24.370\$00
Agadão	24.345\$00
Raulito	21.990\$00
Oeste	20.290\$00
Infante	20.290\$00
Janita	19.570\$00
Maria Rosa	19.435\$00
Gamo	13.780\$00
Persistente	12.205\$00
Farihão	9.300\$00
Lola	9.100\$00
Novo S. José	6.640\$00
Maria Odete	6.500\$00
Briosa	6.360\$00
Tóluis	5.360\$00
Cine	4.750\$00
Luís Fernando	3.065\$00
Costa Azul	3.050\$00
Arrifana	2.880\$00
Jomanel	2.770\$00
Portugal VI	2.380\$00
Restauração	1.910\$00
Alvarito	1.895\$00
Lua Nova	1.190\$00
Batinha	1.120\$00
Portugal IV	690\$00
Total	649.580\$00

CERCOS

Amazona	30.530\$00
Portugal V	19.765\$00
Novo Machado	8.465\$00
Total	58.760\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 24 a 30 de Setembro:

Entradas:

ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubo.

Saídas:

ARBEDO, Suíço, para Génova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 1 a 7 de Outubro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito-Telefone 31.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Dentro de dias, vamos proceder à cobrança das assinaturas referentes à 13.^a série, n.º 121 a 130, e também de algumas que se encontram atrasadas.

Esperamos que os nossos estimados assinantes, como de costume, promovam para que os recibos sejam liquidados no acto da sua apresentação, pelo que desde já nos confessamos muito reconhecidos.

Entretanto, agradecemos a todos os assinantes do estrangeiro o favor de nos remeterem a importância das suas assinaturas pela via mais rápida.

Casa dos Rapazes

Da benemérita «Casa dos Rapazes», de Faro, recebemos umas interessantes fotografias, especialmente uma com dedicatória ao nosso jornal, que muito nos sensibilizou.

Aos seus carinhos directores, os nossos agradecimentos.

GRAVADEIRAS BC-14

(novas), entrega imediata

VENDEM:

Ilidio Paninho, Lda.

SETÚBAL

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA RODRIGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —



Recorte e componha estes fragmentos de forma a encontrar uma conhecida marca.

Cole num postal e remeta pelo correio.

Deste modo ficará habilitado a um valioso prémio

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

UMA INTERESSANTE INICIATIVA

O Grupo Onomástico «Os Josés de Portugal», que foi fundado em 1944, tem desenvolvido uma larga actividade no campo de «Bem-Fazer», distribuindo, durante estes onze anos de existência, centenas de milhares de escudos, por Josés necessitados a quem tem suavizado, em muitos casos, momentos de aflição e dor que só a solidariedade humana existente entre os Josés tem permitido realizar.

O Grupo «Os Josés de Portugal» que tem cerca de 20.000 associados espalhados em Portugal inteiro, e até no estrangeiro, tem realizado uma obra educativa e cultural muito notável, organizando serões, conferências, sessões de rádio e mantendo aulas de dactilografia e línguas, colaborando com a prestigiosa Sociedade de Língua Portuguesa, cedendo gentilmente a sua Sede, para realização dos seus serões culturais.

Em 1948, por ocasião da catástrofe marítima do Norte do País, também o Grupo de «Os Josés» tomou a iniciativa de, nos primeiros momentos, distribuir à família de cada José falecido avultado óbolo, o que representou a distribuição de algumas dezenas de milhares de escudos, provando a solidariedade entre os Josés numa atitude nobre e digna de menção.

Associou-se, também e desde logo, à patriótica Campanha Nacional de Educação de Adultos, anunciando nos jornais e no seu Boletim privativo a abertura de aulas gratuitas na sua Sede.

Agora, para demonstrar ainda a sua colaboração à Campanha Nacional de Educação de Adultos, resolveu instituir 44 prémios, para serem distribuídos por outros tantos Josés, residentes nos 22 distritos do Continente e Ilhas Adjacentes, oferecendo assim, em cada distrito, um relógio ao professor ou regente que se chame «José» e que tenha conseguido maior número de aprovações, e outro relógio ao «José» mais idoso que tenha feito com aprovação o respectivo exame do Plano da Campanha.

É indiscutivelmente uma iniciativa merecedora da concordância de todos, e será também um estímulo quer para professores quer para alunos.

Como a Campanha Nacional de Educação de Adultos deu a sua aprovação à iniciativa e forneceu já ao «Grupo de Os Josés» os nomes dos professores, regentes e alunos que satisfazem

às condições citadas, vão os prémios ser distribuídos no fim do próximo mês de Outubro em todas as capitais de distrito, onde se realizarão sessões solenes com esse objectivo. Estão de parabéns o «Grupo de Os Josés de Portugal» e todos os Josés, em geral, pela simpática resolução que tomaram com elevado objectivo altruista, dignificando e premiando o trabalho persistente de alguns dos seus homónimos.



DESPORTO

FARENSE, 2 - UNIÃO DE MONTEMOR, 2

Os pupilos de Vinuesa mereceram o empate

Poucos dos espectadores que no Estádio de São Luís presenciaram, no passado domingo, o jogo entre as equipas do Sporting Clube Farense e União Sport de Montemor-o-Novo pensaram que os alentejanos fossem capazes de arrancar, no ambiente algarvio, um precioso empate. Na verdade, os pupilos de Vinuesa mereceram indiscutivelmente o empate, e se ao fim dos noventa minutos saíssem vitoriosos por 2-1, também ninguém lhes poderia negar o mérito da vitória, pois, diga-se de passagem, foi o conjunto mais regular durante todo o encontro.

A partida entre algarvios e alentejanos não chegou a atingir grande craveira técnica. No entanto, foi sempre seguido pelos espectadores com bastante entusiasmo.

A nota saliente deste encontro foi a excelente exibição desse extraordinário jogador que se chama Vinuesa, o qual a jogar e a treinar o União Sport alcançou um excelente resultado e deu, por isso, imensa alegria aos adeptos do simpático clube montemorense.

Esse grande Vinuesa, que o Farense esta época deixou abalar, ganhou só por si mais um triunfo: conseguir empatar no campo dos seus ex-companheiros.

Os melhores períodos do encontro decorreram no segundo tempo, pertencendo sempre o maior perigo aos alentejanos. Na equipa do Fa-

rense, diga-se em abono da verdade, estiveram inferiores ao que são capazes, ao passo que o Montemor jogou admiravelmente, havendo da sua parte muita vontade.

A arbitragem agradou, por ter sido muito facilitada pela correcção dos dois grupos.

Digno de registo, por ser curioso, é que o Farense continua na maré dos empates, tendo obtido dois em casa e outros tantos fora.

Analisando as duas equipas, temos como resultado que os visitantes formaram um conjunto mais homogénio.

O guarda José Luís continua a demonstrar classe, nas poucas vezes em que teve de intervir.

A defesa, como sempre, constituiu em qualquer momento um sector difícil de passar. Na linha média, Claro foi o que mais se distinguiu. Na dianteira, todos revelaram bom entendimento, com alguns toques preciosos. Destacamos, porém, Vinuesa, o obreiro do grande resultado.

No Farense, Isaurindo fez duas ou três defesas de valor, e os defesas jogaram muito abaixo de seu normal. Ventura foi de todos os colegas o mais «fraco». A linha média, com Celestino e Bento, esteve bem a entregar e a defender; e nos avançados, a penas Queimado e Zuppo, por vezes, agradaram. O novo reforço vindo de Espanha, Realito, ficou-se no fraco.

MÁQUINAS PARA ARAMAR CAIXAS

(NOVAS)

Vendem: ILIDIO PANINHO, LDA.

SETÚBAL

PORTALEGRENSE, 5 - OLHANENSE, 3

Embora o Olhanense tivesse realizado boa exibição — e a atestá-lo está o facto de ter obtido três tentos — não conseguiu vencer. No entanto, a equipa demonstrou subida de forma.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Manuel Clemente (sobrinho), António Alexandrino M. Cayaco, António Afonso Martins, Manuel Lopes Patrocínio e o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Também deu-nos o prazer da sua assinatura, por indicação do nosso prezado amigo e assinante sr. Sérgio Viegas Belo, o nosso conterrâneo sr. António dos Santos Brito, residente em Lisboa.

A todos, os nossos agradecimentos.

BAGINES CIRCULARES

em cobre, fundo falso, (usadas)

VENDEM:

ILIDIO PANINHO, LDA.

SETÚBAL

O LUSITANO

JOGA EM SERPA

Deslocou-se hoje à vila de Serpa, aonde vai defrontar-se com o grupo local, em desafio amigável, o onze de honra do Lusitano F. C. desta vila.

HÓQUEI EM BEJA

A fim de realizar hoje um encontro de Hóquei em Patins com o «cinco» bejense «Ateneu Commercial», partiu para a cidade de Beja o grupo pombalino «Juventude Hóquei Clube».

Coruchense, 1 - Portimonense, 0

A equipa de Barlavento continua na maré de infelicidade. Desta vez, em Coruche, embora jogando com muita vontade, não conseguiu melhor que perder na diferença.

Herculano Valente

O TRANSPORTE DE PEIXE

em veículos automóveis

O «Diário do Governo» inseriu um despacho, assinado pelo director-geral dos Transportes Terrestres, no qual, nos termos do disposto na parte final do n.º 5 do artigo 7.º do Código da Estrada, aprovado pelo decreto-lei n.º 39.672, de 20 de Maio de 1954, é fixada em 40 km. por hora a velocidade média dos automóveis—ligeiros e pesados, de carga ou mistos—empregados no transporte de peixe. As guias a que se refere a citada disposição serão passadas na localidade onde tem início o transporte, e nelas se indicarão a quantidade e a espécie do peixe transportado, as horas de passagem nas outras localidades do percurso e onde deverão ser presentes para o efeito de serem visadas: postos da Polícia de Viação e Trânsito, Guarda Nacional Republicana ou Polícia de Segurança Pública. É obrigatória a devolução das guias no prazo máximo de oito dias, a contar da data que delas constar, à entidade que as emitiu, a qual levantará um auto por excesso de velocidade, se verificar que não foram cumpridas as indicações constantes das mesmas, procedendo seguidamente nos termos do disposto nos artigos 55.º e 70.º do Código da Estrada.

PROPRIEDADE

VENDE-SE no sítio de Torre dos Frades.

Recebem-se propostas em carta fechada até ao dia 20 de Outubro.

Dirigir a Carlos Madeira Gomes, Travessa Ataíde de Oliveira, 6 — Faro, ou a Alexandrino Guerreiro Cavaco — Vila Nova de Cacela.

Reserva-se o direito de não entregar caso o preço não convenha.

Manuel Rodrigues

ENFERMEIRO PROTÉSICO-DENTÁRIO

Rua Miguel Bombarda, 7

TELEFONE 220

Vila Real de Santo António

Comunica a todos os seus Ex.ºs Clientes e amigos que passa a exercer a sua profissão nesta vila, todos os dias úteis, das 10 às 15,30 horas.

PRÉDIO

VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.

Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva — OLHÃO.

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

CASA

VENDE-SE

Composta de 9 divisões e quintal, com todas as comodidades, sita na Rua Conselheiro Frederico Ramirez, n.ºs 63 e 65, nesta vila.

Dirigir ao seu proprietário Joaquim da Costa Brito, Rua Presidente Arriaga, 87-1.º, em Lisboa.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

NAS MAIS IMPORTANTES PROVAS AUTOMOBILÍSTICAS REALIZADAS EM PORTUGAL DURANTE O ANO DE 1955

VENCEDOR ENERGO

V GRANDE PRÉMIO DE PORTUGAL

PORTO — JUNHO

- 1.º — Jean Behra (Francês) Maserati 3.000 cc.
- 2.º — Masten Gregory (Americano) Ferrari 3.000 cc.
- 3.º — Tony Gaze (Australiano) Aston Martin 2.900 cc.
- 3.º — Leslie Cosh (Australiano) ... Aston Martin 2.900 cc.

VOLTA MAIS RÁPIDA: JEAN BEHRA — 152,300 kms.

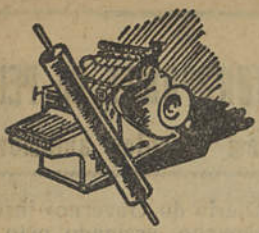
GRANDE PRÉMIO DE LISBOA

LISBOA — JULHO

- 1.º — Masten Gregory (Americano) Ferrari 3.000 cc.
- 2.º — Barão de Graffenried (Suíço) Maserati 3.000 cc.
- 3.º — Godia Sales (Espanhol) Ferrari 3.000 cc.

VOLTA MAIS RÁPIDA: GODIA SALES — 137,710 kms.

ELES QUE O CONTINUAM A PREFERIR ALGUMA RAZÃO DEVE EXISTIR...



BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA
TIPOGRAFIA SOCORRO
FABRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTONIO
Telefone 59 Apartado 3

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

O "MÚSICO" E O "URSO"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ção de Daniel Dornas, de Henrique de Souza e de Jacob Granada. No amor e no nome deste velho médico, habitando a Ilha da Madeira, latejam o seu temperamento e o seu próprio nome de Joaquim Guilherme. Semeou pelos seus livros todo o esplendor moral da sua alma serena.

O Eça não foi assim. De pequeno, sentiu a falta de carinho da mãe, a ausência forçada do pai, devido a preconceitos sociais. Estudando em Coimbra, ali conheceu João Penha, Guerra Junqueiro e outros académicos rebeldes. Teófilo e Antero, dois acoeranos de peso e de combate, foram seus amigos e orientadores. Desta camaradagem rebelde resultou um cáculo completo, a que a Academia de então chamava *músico*.

Alguns sentiam um sabor delicioso neste título depreciativo. Outros estudantes dessa geração, como Bernardino Machado e Júlio de Vilhena, preferiam ser *ursos*.

Músico era o estudante que cabulava; *urso* era o estudante que tomava amor ao estudo. Dois extremos que se estimavam e odiavam dentro dos muros na velha cidade universitária...

Eça, antes do seu centenário, teve uma selecta e merecida glorificação!

António José de Almeida é um vulto glorioso desta República convencional.

Artista da palavra e da prosa, nenhum outro como ele teve o condão de electrizar o povo.

Nos comícios onde falava, era sempre o último orador. Porquê? E' que todos sabiam que ele era o melhor tribuno e o mais sincero propagandista da República. A sua oratória fulgurante, trabalhada como o verso de Victor Hugo, arrebatava o auditorio e, pelo conceito da sua moral rígida e exemplar, a sua figura impunha-se na rua, na tribuna parlamentar e no jornalismo.

Em Coimbra — sendo ele director e Afonso Costa editor — publicou «O Ultimato», jornal académico lido com ênfase por estudantes e fúricas.

Foi em um artigo de fundo desse jornal que os monárquicos e alguns magistrados viram matéria incriminável. António José, processado, respondeu no tribunal de Coimbra e teve por condenação três meses de cadeia. Apeleou para a Relação do Porto, que confirmou a sentença. Deu entrada na cadeia e ali cumpriu a pena com coragem e de cabeça erguida. Não existia nesse tempo, como agora, a Relação de Coimbra.

Quero deixar aqui esclarecido o nome dos seus dois defensores: dr. Manuel de Arriaga e dr. Pais Pinto. Arriaga foi a Coimbra defendendo-o no julgamento, tendo produzido uma oração extensa e formosa como ele as sabia burlar; Pais Pinto (abade de S. Nicolau do Porto) foi o outro advogado que o defendeu perante a Relação. Era republicano e homem de bem este padre católico. Esteve preso pela revolta de 51 de Janeiro, por ter sido um dos primeiros democratas que apareceram nas ruas ao lado das tropas revolucionárias.

Respondeu em Leixões, dentro dum navio de guerra, afirmando alto que era republicano em toda a parte, mas não tendo colaborado na sedição militar. O tribunal marcial absolveu-o e a opinião pública aplaudiu a firmeza do seu depoimento.

António José fez na Faculdade de Medicina de Coimbra um curso brilhante, sendo o *urso* do seu curso. Estudou muito e bateu-se nas aulas com vários professores reaccionários que pretendiam amesquinhar os seus estudos.

Pela sua attitude altiva, houve um lente que praticou a baixeza de apresentar uma proposta no conselho escolar para António José nunca ser lente da Universidade. Admirável mestre que, por equívoco da sorte, não devia passar de mestre sapateiro!

António José, fogoso e indignado, mal terminou o seu curso, publicou a «Desafronta», libelo em que fulminou essa meia dúzia de tratantes e elogiou, com as galas do seu estilo romântico, os lentes que o acarinharam, os mestres que não se ligaram a esse pacto vergonhoso. O sábio Daniel de Matos foi um dos que António José enfileirou na sua Ala dos Namorados!

Quando António José de Almeida seguiu para a Ilha de S. Tomé, já eu habitava Cabinda, que fica a pequena distância. E tendo ido, por acaso, de visita ao navio que o conduziu, ali fui infor-

mação da chegada de António José à África Ocidental. Senti íntima alegria, pois António José e Manuel de Arriaga foram dois dos republicanos que eu admirei até desaparecerem na bruma da morte.

Foram ambos dois extraordinários democratas, dos mais sérios e leais que conheci.

António José a primeira vez que pisou terra algarvia foi devido a um telegrama que eu lhe mandei. Antes, dentro e fora do Parlamento, já por mim se interessara, quando a lei de 13 de Fevereiro, de João Franco, tentou abafar-me a voz e a liberdade.

Da sua geração académica, António José de Almeida encarnou em si a figura mais generosa e activa da propaganda republicana.

O seu consultório, em Lisboa, era frequentemente invadido por gente da capital e da provincia.

Eram clientes que o iam consultar? Não. Eram correligionários e amigos que lhe iam pedir para falar em comícios, outros para ir a terras de provincia realizar conferências. Clientes, poucos lhe apareciam.

Um dia que o abordaram para inscrever o seu nome o seu óbolo numa subscrição para a compra de armamento, abriu a carteira e tirou uma caderneta de cheques. Escreveu e entregou ao seu confrade, com estas palavras de velada desilusão:

«Aqui tem o resto do dinheiro que ganhei em S. Tomé.»

Disse a verdade e entregou alguns contos de réis.

Outros, quase sem serviços nenhuns à causa republicana, enriqueceram e depositaram quantias fantásticas em bancos estrangeiros. São os videntes, os egoístas e os espertos, como já no seu tempo dizia o bondoso João de Deus!

António José tem um monumento sóbrio e simples, como ele se mostrou inalteravelmente na vida pública e particular.

O Algarve também colaborou neste monumento ao prestigioso democrata: ricos e pobres, a maioria dos republicanos concorreu para uma subscrição pública que percorreu a terra portuguesa.

O *urso* António José pode oferecer a sua mão limpa e honrada ao *músico* Eça de Queiroz, que andou a lutar continuamente com faltas de dinheiro.

A Pátria reconheceu a ambos direitos iguais, sentimentos parecidos e uma misteriosa harmonia que os colocou no mesmo pé de liberdade e de pobreza.

A sua riqueza verbal, porém, conferiu ao romancista e ao orador dois domínios vastos, opulentos, impressionantes e patrióticos — um na Literatura e outro na Política.

Ambos demoliram preconceitos, heranças atávicas e outros erros do passado, conscientemente, com uma firmeza de anatomistas e um singular espirito de independência.

Cunha e Costa, que foi alguém no foro e no jornalismo, chamou a António José de Almeida a Musa da Revolução.

E foi na verdade um grande poeta sentimental este impoluto beirão, que tinha na garganta as cordas de ouro de uma lira imortal!

Marcos Algarve

UMA VOZ INDIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gado a Portugal, aparece nestas páginas com verdade e independência, feita por um espirito esclarecido que não teme ser sincero, mesmo quando está a pronunciar-se contra aquilo que erradamente se apresenta à opinião pública apaixonada da União Indiana como o interesse do seu país.

Páginas do maior interesse, neste livro «Goa e nós», são também aquelas em que o autor analisa os motivos que movem os partidários da anexação, considerando que elas se inspiram em exemplos alheios e erradas concepções, que fazem profundo contraste com a unidade de doutrina consignada na Constituição Portuguesa e com a opinião que resulta do exame dos factos.

Na impossibilidade de transcrever tudo o que no livro apresenta interesse

Carta de Longe

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos mais brilhantes letrados do Celeste Império.

A dedicação de Tong-Heng por seus pais causou tão profunda admiração entre os chineses, que o seu nome passou à posteridade, entre os «Vinte e Quatro Exemplos da Piedade Filial».

Iôc-Uông teve sete filhas, sendo Tchêc-Nui a mais prendada. Como fosse incansável no mister de fiar e tecer, resolveu seu pai, receoso de que tanto labor lhe pudesse prejudicar a saúde, enviá-la para a terra, com o fim de casar com Ngan-Long, ou Hin-Ngau (o vaqueiro), certo da felicidade do lar criado com esta união.

Realizado o enlace, contra toda a expectativa, entregou-se o casal a uma vida de repouso, não pensando em trabalhar e pondo de parte todos os seus deveres.

Indignado o Celeste Imperador com tal procedimento, resolveu castigá-los, transformando-os em duas estrelas — Altair, de Águila, e Vega, de Lira — com a permissão expressa, de poderem atravessar o Ngán-Hó (Rio de Prata, ou seja, a Via Láctea) só no dia sete da sétima lua, para se poderem ver um ao outro. Daí chamar-se a esta festividade Tchêc-Tchêc (sétima tarde).

Esta lenda, originária do Japão, sofreu, com o rodar do tempo, várias alterações, sendo descrita com mais ou menos fantasia.

Os espiritos estelares do vaqueiro e da tecedeira têm lugar no panteão chinês, como símbolos da aproximação do inverno; representando o vaqueiro a condução do gado ao redil, pelos campos, após as pastagens do verão, e a tecedeira, a confecção do vestuário pelas mulheres, na defesa contra o frio do inverno que se aproxima.

A festividade das Sete Irmãs é, apenas, celebrada pelas mulheres — pelas mais novas — quase com infantil entusiasmo. E uns dias antes (os calculados necessários), as donas de casa tratam de fazer germinar o arroz em recipientes apropriados, de louça ou de barro, cujos rebentos deverão atingir um crescimento à altura de poderem ser dedicados aos espiritos do Vaqueiro e da Tecedeira, na data própria, juntamente com pratinhos contendo carnes, frutas, pevides secas e flores.

Finda esta cerimónia, as oferendas são colocadas nos terraços ou nos telhados, para serem aproveitadas pelos venerados espiritos.

Das divinizadas sete irmãs, é a Tchêc-Nui considerada a protectora dos labores femininos, e, assim, todas as mulheres lhe prestam homenagem, procurando, por várias formas, saber se são ou não merecedoras das suas graças.

Na noite da véspera desta festividade, vem de longa data o costume de se deitar num vaso com água uma agulha, para se verificar, no dia seguinte, se a sua sombra se mantém fiel, ou se toma a forma de uma flor: Neste

caso, a alegria é grande, porque o sucesso em trabalhos de labor é garantido; e no caso contrário, será baldado todo o esforço de quem fizer a experiência.

Diz-se que as cortesãs do imperador Meng-Uông (A.D. 714/756) da dinastia Tông, costumavam prender, nesta ocasião, uma aranha dentro duma caixa, para verificarem, no dia seguinte, se a teia por ela trabalhada era perfeita: Se assim fosse, podia a dona que a conservou estar certa de que viria a ser uma artista em trabalhos femininos.

As raparigas da provincia de Kâm-Sôc, na véspera deste dia festivo, impunham-se o dever de se sujeitarem à difícil tarefa de executar um complicado trabalho com fios de seda encarnados, num lugar escuro, para assim provar por esta forma tornar-se merecedoras da protecção da divina Tchêc-Nui.

A meia noite, as raparigas, acompanhadas de suas criadas, vão ao poço mais próximo encher de água várias vasilhas que, depois de pedidas as graças das Sete Irmãs, são seladas e guardadas, como medicamento infalível na cura de várias doenças.

A tecedeira costuma também ser invocada para a felicidade do lar conjugal, dando-lhe uma numerosa prole e sendo a protectora dos órfãos, que a ela se entregam, confiados.

O dia das Sete Irmãs é igualmente festejado com interessantes exposições de vários trabalhos manuais, a que concorrem muitas raparigas, que aproveitam esta ocasião para mostrarem a sua habilidade e a sua arte.

As divinizadas Sete Irmãs têm sido dedicadas várias orações; e o assunto desta lenda tem sido desenvolvido em várias publicações, no teatro e até no cinema.

Macau, apesar de terra portuguesa, é, ainda, onde se reflectem todas as velhas tradições da China, os seus antigos usos e costumes, na maior liberdade de pensamento, sem entretanto de ideias religiosas ou políticas. E' um cantinho encantado, que devia servir de modelo de tolerância, de sossego e de boa paz.

Macau, Agosto de 1955.

J. de Carvalho e Régio

ESCÂNDALO LITERÁRIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bem justifica a intervenção dos poderes civis e eclesiásticos.

Temos pena de não ser possível transcrever aqui muitas das absurdas e chocarreas definições do texto, nem sequer as melhores; no entanto, para gáudio do leitor, daremos alguns vocabúlos, colhidos ao acaso nas saborosas páginas do peregrino *Lexicon* etimologicamente «monumental»...

Ora, queiram apreciar:
Abdomen — parte do embigo.
Bacharel — falador formado.
Bigode — duas torcidas de barba.
Bisconde — duas vezes conde.
Bisugo — peixe a que sugam 2 vezes a gostosa cabeça. (=bi+sugo).

Cachaço — caixa dos miolos.
Caranguejo — peixe encarnado que anda para trás.

Carneiro — ovelha macha.
Caracol — peixe glutinoso ou anfibio, de curva ou espiral figura.
Dente — osso de mastigar.

Esbirro — o que tem birra e prende.

Espingarda — arma que deita faiscas abrasadoras ou pingas ardentes.

Gaiola — vaso furado para ter pássaros.

Jeropiga — santa bebida. (Ele lá sabia...).

Leite — suco materno.
Louro — cor de papagaio.

Macaco — animal de trejeitos delirantes.

Rato — insecto roedor.
Roda — bola chata.

Russo — entre vermelho e negro.
Silogismo — raciocínio sobre duas premissas. Vid. *Ceroulas*.

Toca — cavidade do ventre.

E, para terminar:
«De Portugal é pequeno hoje, é-o porque abraçou a política de criar Portugais em miniatura em outros pontos do Mundo — de que Goa é um vívido e eloquente exemplo.»

G. de Ayala Monteiro

CONVERSAS À BEIRA MAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te de maquinista e ganho pouco. A minha moça é costureira e ganha ainda menos. Pois eu não me importava de casar e ter muitos filhos. Não, não, aí é que você se engana. Eu já não sou nenhuma criança. Tenho só 16 anos, bem sei. Mas ontem à noite, não sei porquê, quando peguei na minha irmãzinha pareceu-me que pegava numa filha minha. Desde então, comeci a sentir uma sensação esquisita, que me faz andar nas nuvens. Parece-me que já sou homem. Disse isto à minha moça e ela riu-se. Meu amigo, porque é que será que as mulheres só nos compreendem quando estamos calados e as beijamos?...

Aquele naufrágio, no inverno passado, em que perderam a vida alguns pescadores olhanenses, todos jovens, impressionou-me imenso. Li a breve noticia num jornal diário e lamentei-me de estar tão longe da minha terra. Um dos rapazes andava comigo na escola e morava próximo da minha casa. Casara dois meses antes do brutal acidente.

Quando regresssei, passados meses, a Olhão, quis saber pormenores da tragédia. Soube várias versões desencontradas. Pouco a pouco fui-me esquecendo do caso. Até que uma noite senti-me, como de costume, no meu banco favorito junto das escadinhas em que se faz a lota do peixe. A meu lado, um moço pescador de 20, 21 anos, sentado no extremo do banco, parecia meditar profundamente. Admiti-me. Senti tentação de lhe dizer qualquer coisa. E' um caso raro ver-se um jovem marítimo a meditar.

Todos fingem-se despreocupados, todos abominam pensar na miséria em que vivem, no futuro sombrio que os espera. Comecei a falar. Ele olhou-me, surpreso, e respondeu-me. Conversámos de diversos assuntos, todos referentes ao mar e à pesca. A certa altura, eu falei do saveiro e da tripulação que morrera afogada.

Ficou por uns momentos calado. Notei-lhe a respiração acelerada, como se uma súbita comoção o tivesse avassalado. Finalmente, falou. Primeiro, numa voz baixa e indecisa; depois, num tom zangado e melancólico:

co; por último, num murmúrio trémulo, amedrontado e superstitioso.

«Naquele dia, eu também fui à pesca. Eu e o meu irmão Zé temos um botezinho e costumamos ir para o farol lançar as pescas. E' um pouco fora da barra, junto das rochas. Às vezes apanhamos robalos e safios. A tarde estava boa quando para lá fomos. Depois é que levantou-se o vento. Começou a haver vaga e nós tivemos medo. Voltámos sem ter apanhado nada. Os outros botes também. Alguns dizem que estava vendaval, mas é mentira. Havia era muito mar. Algumas sacadas tinham ido para levante. Quando sentiram a ondulação, regressaram logo para terra. O Marcelino foi o último. O saveiro dele vinha um pouco atrás da lancha. A entrada da barra, o saveiro atralhou-se. Na lancha não viram nada. Depois é que ouviram os gritos de alarme. O Marcelino teve medo. Já estava livre de perigo e não quis voltar. Deu ordem à tripulação para irem a terra avisar o cabo-do-mar do que se passava. Logo lhes mandariam socorro. Uma onda virou o saveiro e todos foram pela borda fora. Uns agarraram-se ao barco, outros ao mastro. Gritaram, gritaram aos camaradas, que eles viam afastar-se lá ao longe. Ninguém fez caso. Cobardes! Eles podiam ter voltado a socorrê-los. Mesmo que morressem, era esse o dever deles. Afinal todos nós somos irmãos. Se não nos ajudamos uns aos outros, quem nos virá ajudar? A noite chegou. O Marcelino, em terra, contou que tinha tentado salvar os camaradas, mas que fora impossível. Avisaram o salva-vidas do farol. O Casacas lá foi à procura do saveiro e dos moços. Mas já era madrugada. O mar picado faz perder a forças ao mais valente de nós. E eles, um a um, foram-se despedagando do barco. Apenas um é que tentou nadar até terra. O Casacas ainda o encontrou quente na ponta da ilha do Coco. Se tivessem ido mais cedo, ainda o encontravam com vida. Encontraram os outros, nos dias seguintes, já com os corpos devorados pelos peixes. Os pescadores velhos desconfiaram do Marcelino. As autoridades também. Mas só este preso uma noite aquele grandecíssimo bandido. A tripulação falou. Tudo se soube. O Marcelino vendeu o saveiro. Não sou muito crente mas acredito que há quem nos castigue quando fazemos mal. O Marcelino nunca mais apanhou nada. Ah, houve um deles que nunca mais apareceu. O Casacas não conseguiu descobri-lo. Era casado. Uma manhã, apareceu a mulher dele aqui na doca. O saveiro estava ali. Assim que o viu, pôs-se a gritar: — Não vêm? Não vêm? Juntou-se muito povo. Ela apontava uma mão para dentro do saveiro que estava vazio. — Ele está ali! Está ali! Está a chamar por mim! Quis atirar-se, mas seguraram-na. Tremia, tremia muito. — O meu marido... o meu querido marido... Levaram-na para casa. Ela não queria ir. Ia já além no cats, e ainda nós a ouviamos gritar e chorar. Não ouve? Todas as vezes que aqui venho oiço ela ainda a gritar.»

António Macheira

Visado pela Comissão de Censura

gôntees de asnice, que por aí vicejam nos campos de Minerva... E' que o idioma pátrio, coitadinho, anda tão maltratado, por vezes, em livros, periódicos e, ultimamente, até em programas radiofónicos, numa anarquia gramatical, ortográfica e prosódica de tal modo gravemente deseducativa, que a instituição dum organismo com poderes fiscalizadores da pureza (não diremos purismo) do património linguístico seria um excelente serviço prestado à cultura. Constituísem-no elementos de comprovado saber e valia (que os temos, e bons! v. g.: Sá Nogueira, Botelho do Amaral, Guerreiro Murta, etc.), e a sua intervenção saneadora do escalacho literário de semianalfabetos — com ou sem «canudo» — teria farta vinha para enxofrar.

F. M. R.

(do «Diário Popular»)

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.